

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
4 e 9 de Abril de 2024

JE TU IL ELLE / 1974

Um filme de Chantal Akerman

Realização e Argumento: Chantal Akerman / Direcção de Fotografia: Bénédicte Delesalle, Renelde Dupont e Charlotte Szlovak / Som: Samy Szlingerbaum / Montagem: Luc Fréché / Interpretação: Chantal Akerman (Julie), Niels Arestrup (camionista), Claire Wauthion (rapariga).

Produção: Paradise Films / Cópia: ficheiro digital, preto e branco, falado em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 86 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Realizado imediatamente antes de **Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles** (que foi o filme que chamou, de modo decisivo, a atenção sobre Chantal Akerman), **Je Tu Il Elle** só foi estreado depois dele, o que na altura gerou, na recepção crítica, uma forte tendência para aproximar os dois filmes e para encarar o que agora nos ocupa como uma espécie de balão de ensaio para **Jeanne Dielman...** Talvez haja alguma razão nessa aproximação, mas perante a extrema singularidade de **Je Tu Il Elle** a ideia de o encarar como mera “passagem” para outro filme corre o risco de nos parecer um gesto bastante redutor. Mais estimulante seria (e hoje um tal exercício é não apenas possível como desejável) abrir as comparações aos outros (que são muitos) filmes posteriores de Chantal Akerman – por exemplo, pôr lado a lado **Je Tu Il Elle** e **La Captive** (o seu “Proust-film”), em vários sentidos um filme mais próximo deste do que **Jeanne Dielman...**

Mas adiante. **Je Tu Il Elle** é um filme duríssimo, na acepção mais material do termo: um filme áspero, rugoso, inquebrável (os planos longos e fixos, os três blocos em que a “acção” se divide), circular (como escreveu Jean Narboni em 1977, ao último plano do filme podia suceder-se o primeiro), onde o tempo se dilata sempre cada vez mais sem nunca se voltar a contrair. Não tem verdadeiramente uma narrativa, nem tem propriamente psicologia; ou por outra, a sua narrativa é a da evacuação de toda a psicologia, entre o corpo do início, mortificado por uma dor de alma, e o corpo do plano final, que voltou a ser apenas um corpo, inabalável no seu movimento. Se **Je Tu Il Elle** é um filme sobre qualquer coisa passível de ser nomeada, então essa coisa é uma espécie de catarse, de transformação, de despojamento, de redução ao essencial, porventura rumo ao desaparecimento – e o último plano do filme, o corpo nu da protagonista a abandonar o enquadramento, talvez configure esse essencial e esse desaparecimento.

Também por isso, se há alguma coisa que **Je Tu II Elle** pareça ser é aquilo a que chamaríamos um “ensaio sobre a intimidade”, a que não será – nada – alheio o facto de a própria Chantal Akerman dar corpo (expressão que nunca pareceu tão apropriada) à protagonista. É onde reside a maior crueza do filme, ampliada pela auto-exposição da cineasta (muito poucos artistas, de qualquer área de actividade, se terão exposto da maneira como Chantal Akerman se expõe neste filme), por sua vez ampliada ainda pela terrível “frontalidade”, de onde não há qualquer hipótese de fuga, em que essa auto-exposição se dá a ver. É curioso notar que o primeiro bloco (Chantal “cativa” no seu apartamento, remoendo as feridas do que se supõe ser um enorme desgosto amoroso) é o único que parece “lançado” por um pouco de psicologia e de “drama”, assim como é o único que, dominado por uma voz “off” que traduz pensamentos e emoções da protagonista, perscruta minimamente qualquer coisa que esteja para além do imediatamente visível – nos outros blocos tal hipótese é completamente excluída, aquilo que se tem é aquilo que se vê.

O “clou” do filme acaba por ser de uma lógica inatacável: a cena de sexo entre Chantal e a rapariga encontrada na noite. À época houve quem evocasse, a este propósito, uma voluntária tangente aos procedimentos do filme pornográfico – mas por alguma razão (provavelmente o tempo que passou e o que entretanto aconteceu em matéria de figuração de actos sexuais) não é o porno que nos passa pela cabeça mas algo de substancialmente diferente: aqueles documentários sobre a natureza que mostram animais em pleno acasalamento. Ou ainda um combate de “sumo” ou de luta livre, com a cama a fazer de “tapete” e os dois corpos filmados, inicialmente, como dois contendores à espera do momento de se atirarem um ao outro. A neutralidade do modo como é filmada a cena elimina qualquer hipótese de “flirt” com a obscenidade ou com o porno, para deixar em destaque uma espécie de voracidade resultante do encontro entre aqueles dois corpos e aquelas duas solidões – de modo quase literal, são dois corpos desejosos de se alimentarem um do outro, de se comerem (não, não é um jogo de palavras ordinário) um ao outro. É uma cena onde não se vê a volúpia, mas a necessidade, e onde não se vê o desejo mas a (possível) consolação. A única cena comparável a esta é aquela de **As Bodas de Deus**, de João César Monteiro (e a coincidência, chamemos-lhe assim, de também nesse caso ser interpretada por um realizador em auto-exposição levar-nos-ia, se calhar, longe).

Um filme assim, e uma realizadora (de 24 anos, na altura) disposta a atravessá-lo como o atravessa, têm que ser muito especiais.

Luís Miguel Oliveira